



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **ENTRE BRECHAS, BARREIRAS E SONHOS, A ESCRITA E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER BAIANA EM REVISTAS DA ÉPOCA MODERNISTA**

**Profa. Dra. Monalisa Valente Ferreira**  
**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)**  
**Núcleo Capitu (UFRB)**  
**APOIO MCT/SPM/CNPQ**  
[monalisa@pq.cnpq.br](mailto:monalisa@pq.cnpq.br) / [monalisavalente@uol.com.br](mailto:monalisavalente@uol.com.br)

Se “as fontes primárias revelam o desenvolvimento do Modernismo num jogo dialético de renovação e tradição, cujo movimento só pode ser captado pela análise minuciosa dos acontecimentos de toda uma época (GUELFÍ, 1987, p. 16), é na concordância desta assertiva que aqui se instaura um estudo que possibilite recuperar documentos possíveis de entender a Bahia dos primeiros decênios do século XX e seus produtos artístico-culturais. E, mais especificamente, o conhecimento de como se processavam as relações de gênero naquele espaço, bem como as representações de mulheres, nos planos do comportamento, da escrita e das atitudes frente a sua condição.

O mapeamento de fontes permite a localização de obras dispersas e o descortino de nomes de autoras/es desconhecidas/os, e/ou esquecidas/os, por motivos vários. A quase-ausência de menções, em nossa História Literária, de textos de autoria feminina, embora se constate número significativo de publicações em periódicos das décadas de 1920 e 1930, leva-nos a questionar aqueles vazios. Mas, embora perdidos nos desvãos dos arquivos, o trabalho pertinaz de pesquisadoras/es pode preencher os espaços lacunares e entender os motivos das poucas referências àquele percurso, possibilitando a ressignificação da memória literária.

O desprestígio político e econômico da Bahia àquela época, com a crise açucareira e o desenvolvimento do Sudeste, bem como uma industrialização rudimentar, contribuiu para que ali a literatura também ficasse sem o antigo galardão. Perda esta que requer leitura mais de propósitos distintos entre regiões e menos da que comumente se faz sobre a literatura produzida na Bahia no momento modernista, como, por exemplo, a de ela ser defasada e pairar no limbo, discurso este que convencionou denominá-la “de cafuné, dócil, sonolenta, doméstica” (GOMES, 1979, p. 165-98). Assim, o fulcro é que,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

para além dessas questões, tem-se a antiga discussão de “centro” e de “regionalismo”, com ênfase para a detentora de poder econômico à época, São Paulo, e que, também, ditaria os caminhos dos artefatos literários no que diz respeito ao Modernismo. A abordagem de fundo econômico, somada a mais algumas, é importante para se compreender a situação peculiar em que se encontrava a arte baiana naquele momento. As questões de fundo são outras: defasada frente a quem e por quê? O que seria próprio ou necessário para uma região, como a do Sudeste, também seria para outras? A não correspondência frente ao que se produzia no eixo Rio-São Paulo-Minas, por exemplo, implicaria em menosprezo a quem não seguisse os ditames?

Assim, as exclusões nos registros da História Literária passaram tanto pelos destaques, naquele momento, à produção realizada em algumas regiões em detrimento de outras, quanto pelos textos escritos por mulheres baianas. Neste entendimento, buscamos, com este trabalho, mostrar as discussões fomentadas por revistas, literárias e/ou de variedades, quanto às tentativas daquelas mulheres em romper, estrategicamente ou não, com os liames que a impediam de escrever, participar de atividades não circunscritas ao espaço doméstico e de representações no campo político. Além disso, indicar, em textos de colaboradores dos periódicos da época, as suas visões sobre a mulher nas mais diferentes instâncias. Os registros presentes nos periódicos constituem tanto elementos representativos de um momento histórico, com seus valores e comportamentos, quanto documentam a participação da mulher, baiana ou não, na literatura. Franco Moretti (2000), ao discutir a situação de escritores obscurecidos por motivos vários, afirmaria que eles ficaram no “*slaughterhouse of literature*”, sem ir nem vir, numa espécie de limbo literário próximo ao corte final. Isto, no entanto, pode ter outro capítulo no corredor da morte: mediante recuperação de seus textos a fim de ressignificar a memória literária.

Pensando na preservação e ressignificação de tal memória, é que foi gestado um projeto de pesquisa “Mulheres em revista: escritoras baianas nas páginas dos periódicos” (MCT/SPM/CNPQ) e, com as atividades junto ao Núcleo Capitu de Estudos, Pesquisa e Extensão Gênero, Diversidade e Sexualidade (URFB/CFP) é que agora apresentamos este artigo com resultado parcial do projeto.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Para este estudo de cunho teórico, com apoio documental, especificamente destacaremos os textos da revista *A Luva* (1925-32). Por permanecer em atividade por muitos anos, o estudo daquela revista permite a leitura daquele espaço e as relações de gênero mediante análise de textos literários, artigos e propagandas ali veiculadas nas décadas de 1920 e 1930, principalmente por, nesta última década os debates sobre sufrágio universal e feminismo repercutirem com maior força nas páginas dos periódicos baianos. A eleição da revista supracitada não impede que façamos uso, neste espaço, de outras que porventura ajudem na elucidação de determinado elemento.

No que concerne ao *corpus* teórico utilizado para as articulações com a fonte levantada na revista, fundamentamos com estudo de ordem histórico-sociológica; na perspectiva de gênero e sexualidade; da crítica feminista e da história literária, bem como as pesquisas sobre e nas revistas, ditas modernistas ou de variedades. Essa movimentação pelas diversas áreas permite afiançar estatutos passíveis de leitura de espaços que possam dar conta do acontecer humano, com emprego, portanto, de suporte mais amplo à compreensão de especificidades. O uso de categorias de outras áreas, se aplicadas coerentemente, não diminui a autonomia dos objetos, e sim, aproveitados com propriedade, possibilitam intersecções que expandem as perspectivas e ideias interpretativas da realidade. O ato de segregar a literatura e arte de outras categorias como a história, a política e a economia, corresponderia esfacelar o entendimento do todo, tal como Edward Said (2007) e também Sérgio Buarque de Holanda (1996) observariam.

Nesta esteira, com a possibilidade de pensar a representação da mulher em periódicos baianos, sua tentativa de penetração em espaços públicos e os produtos culturais ali vinculados, um entrecruzamento de saberes poderá fornecer explicações plausíveis e instrumentais para análise de uma série de questões sobre as obras literárias de autoria feminina, motivos de exclusões, visto que o molde do literário por si só não a contemplaria, por causa da ausência de referências. Pensar a escritura e os textos em circulação nas revistas daquela época requer as circunstâncias históricas e sociais que possibilitaram transformações e debates pertinentes às relações de gênero e poder.

### **A mulher baiana, *A Luva* e o espaço público.**



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

A elegância da Rua Chile – ponto de comércio nobre da capital baiana na primeira metade do século XX – era decantada pelos redatores e demais participantes da revista ilustrada e de variedades, *A Luva*. Para circulação das famílias abastadas, indesejável era ter pessoas ali transitando e que fizessem lembrar outras condições. Em um noticiário de 30 de junho de 1925, um texto não assinado, possivelmente de responsabilidade da redação, o pensamento elitista ali se revelaria ao indicar que os trabalhos e/ou presença de figuras populares enfeavam pontos considerados distintos e elegantes daquele espaço. Ao descrever, por exemplo, a Rua Chile, onde “nas tardes excelentes, em que as vitrinas encantam os olhos da gente [...] das quatro às seis horas da tarde, tudo ali é lindo, agradável, a brisa embriaga[...]”,<sup>1</sup> percebe-se o objetivo do articulista em persuadir o leitor quanto à necessidade de manifestar-se contra os elementos “indesejados”. Isto reflete a separação racial e social explícita no artigo, pois, segundo o autor, “o que desfeia <sic> toda essa elegância, que dá ares de colônia, faz com que a cidade se pareça com a que foi há cem anos, é aquela quitanda ambulante à porta da <Casa da música>,[...] onde uma preta vende cocada, amendoins, bananas, laranjas, bolinhos, etc., etc.”.<sup>2</sup>

No contraponto modernização x província, elegância x trabalho, ricos e pobres, na elegante Rua Chile de Salvador, mulheres circulavam com cabelos curtos e uma nova maneira de vestir: “aventuravam sozinhas pelas ruas da cidade para abastecer a casa ou para tudo o que se fizesse necessário”, observaria o artigo de fundo de *A Luva*, em 1928 e continua: “As senhoras que pouco saíam de casa, freqüentam as ruas diariamente para suas compras”<sup>3</sup>. O autor do texto abaixo, sob o pseudônimo Fulano de Tal, registra as mulheres na rua, todos os dias, e, claro, é perceptível a mudança de comportamento pela libertação da clausura do lar e a conquista do espaço além da porta e janela de frente da casa.

Assim é vida! Que tumulto! Existe  
Neste recanto de céu

<sup>1</sup> *A Luva*, n. 8, 30 de jun. de 1925.

<sup>2</sup> *A Luva*, n. 8, 30 de jun. 1925.

<sup>3</sup> *A Luva*, n. 8, 30 de jun. 1925.



A rua Chile,  
Um quer que seja real de uma mentira  
Que a gente diz para desopilar...  
Passa uma moça linda...  
Outra passa, mexendo-se com o andar...  
Quanta moça bonita! E quanta gente feia!  
Aquela é rica. Aquela é pobre. Aquela...  
“A rua Chile é o tribunal da vida alheia”.<sup>4</sup>

Se o dândi não tem outra ocupação além da elegância, como diria Baudelaire, este elemento é exteriorizado no poema acima. Ao lado deste aspecto, o vasculhar a natureza humana de forma tão baudelairiana, do também *flanêur* Fulano de Tal, em sua observação daquele ponto da cidade, apresenta um dado da capital baiana: paralelo ao tumulto que direciona para o anonimato das pessoas, e no qual entra em análise o pseudônimo escolhido pelo próprio autor do texto, percebem-se surtos de provincianismo, no qual o desconhecido dissolve-se no comentário da vida alheia e a multidão particulariza-se. Como exaltaria João do Rio, em *A alma encantadora das ruas*, “é preciso ter espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível”. E é com aquele espírito que Fulano de Tal flana e registra aquela Bahia, aquele ponto de sua Capital e os comportamentos. O espaço público confunde-se com o privado e também é demarcador de posição social: “aquela é rica, aquela é pobre, aquela...” e revela uma invasão da vida privada pela cidade, já que o que separa o sobrado da rua é a calçada e na década de 1920, a mulher saíria da passividade da contemplação da janela para participar do movimento da urbes, para circular nos espaços além-casa.

O comentário de Garcez pode ser cotejado com os destaques recorrentes dos redatores de *A Luva* sobre os espaços que, para eles, absorvem uma atmosfera de elegância. Assim, a já comentada Rua Chile, “onde tudo tem um aspecto melhor de cidade adiantada”,<sup>5</sup> constitui o “ponto de preferência dos nossos elegantes e das meninas chiques da Bahia”, além de ser o lugar onde “os automóveis passam e os bondes despejam uma infinidade de senhorinhas com os seus vestidos leves, à última moda”.<sup>6</sup> Costumava-se comparar este logradouro à Avenida Rio Branco do Rio, mas

<sup>4</sup> *A Luva*, n. 1, 15 de mar. 1925.

<sup>5</sup> Paulo César Garcez MARTINS. *Habitação e vizinhança...*, p. 168.

<sup>6</sup> Paulo César Garcez MARTINS. *Habitação e vizinhança...*, p. 168.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

nas proporções que esta se apresentava em 1915 e não na década de 1920, quando começava a reurbanização na Bahia.

A sociedade parecia ainda estar surpresa com as transformações, pois:

As mudanças no comportamento feminino, ocorridas ao longo das três primeiras décadas deste século incomodaram conservadores, deixaram perplexos os desavisados, estimularam debates entre os mais progressistas. Afinal, era muito recente a presença das moças das camadas médias e altas, as chamadas “de boa família” [...]. Dada a ênfase com que os contemporâneos interpretaram tais mudanças, parecia ter soado um alarme. (MALUF; MOTT, 1998, p. 368).

São mulheres da elite baiana que participariam de ligas femininas, de lutas pelo direito ao voto, que publicariam poemas e textos em prosa nos periódicos da época. Em *A Luva*, a seção Cartas de Mulher ou, em alguns números, denominada como Página Feminina, aparece uma produção, assinada por Maria Esther e destinatária “Minha amiga”, provavelmente dirigida a qualquer leitora, com indícios de como uma moça estudiosa, de família abastada, vivia na Bahia da década de 1920: “Sou moça de dezoito anos, sei bordar, tocar inúmeros trechos de música ao piano, desde Chopin a Wagner, sei tão bem o francês como qualquer dama de Paris [...]”. As leituras ali também são registradas: “[...] Um livro de Balzac, de capa amarela, com as páginas soltas, sujas pelos dedos das pessoas que o têm lido emprestado, é o meu único companheiro na solidão inquieta da minha atual vida”. E o desejo de escrever: “[...] Não sei porque razão hoje eu peguei na pena, armando-me literata, para dar meu parecer sobre uma coisa que te direi já.. [...]”.

Maria Esther ainda apresenta a condição da mulher à época, mas revelando distinção: “Quero crer que uma mulher como eu me julgo ser superior [...], deve antes dar um pontapé na sociedade que a oprime e nada lhe dá, tudo lhe tira, tudo lhe exige e lhe obriga a certas coisas indecentes. Superior porque não me ocupo com banalidades. Leio, estudo e escrevo quando quero.[...] Não sou igual a muitas mocinhas que lêem apenas os programas e as notícias de futebol”. A sua referência de comparação literária rompe o paradigma da santa do lar para aquela que rompe normas sociais, como Madame Bovary. Se o “espaço ´natural´ da mulher baiana era o doméstico/privado,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

local historicamente destinado às mulheres, onde deveria desempenhar o papel de esposa e mãe” e se “sua realização estava no casamento”, como bem afirmariam Costa & Brandão, a observação de Maria Esther ia na contramão: “Tenho às vezes a convicção de ser uma mulher superior, uma igual a essa que Balzac criou para ser amante de um poeta libertino”. Apesar de a comparação remeter-se ainda a um processo de *ser* para o homem, o fato de indicar um cotejo com a amante e não com o exemplo de esposa santificada revelaria, decerto, um avanço para a década. A carta indicia, portanto, preferência de leitura da remetente, labor da escrita e consciência de sua condição.

Esta mesma remetente, dois números depois, envia outra carta, defendendo ainda ser uma mulher superior e penetra nas discussões sobre o feminismo, tema que recebe atenção nas páginas de *A Luva* ao longo de sua existência. Maria Esther afirma: “adepta não sou ao feminismo extremado, pintado a cores como em cartazes de cinemas da Baixinha. Mas, o feminismo se faz mister, sem masculinizá-lo, ao ponto de nós mulheres, usarmos penteados masculinos, nem imitarmos às camisas dos homens”. Este debate da representação da feminista quanto ao comportamento e vestuário ganha foro: “E ela, que trazia um pequeno coração na boca de boneca/ e que talvez fosse o próprio, à la garçonne, colorida, à l’homme,/ batia no peito, dizendo-se orgulhosa de ser feminista”. (Allyrio Brasil, *A Luva*, n. 126, 9/07/31). O ano deste texto do colaborador da revista coincide com as discussões prementes na sociedade baiana, com a criação da Federação Bahiana Pelo Progresso Feminino (FBPF) em que, a despeito de lutas pelo sufrágio universal e de inserção em espaços outros, reafirmava muitas vezes valores tradicionais, fosse por estratégia para ocupar brechas ou não, o debate feminista incomodava àquela sociedade baiana com raízes patriarcais profundas, e este incômodo era traçado em charges, em capas de revista, em dísticos e artigos que pudessem ridicularizar os debates.

Aquela crítica do feminismo a l’homme era constante nos periódicos que tentavam rechaçar o avanço das manifestações. *A Luva* tanto noticiava as ações de Bertha Lutz e de Edith Mendes da Gama Abreu, esta mais tarde candidata a deputada federal, o Congresso Feminino, as chamadas para as palestras, quanto publicava artigos contrários ao feminismo, mesmo que este, na Bahia, como bem pontuara Costa &



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

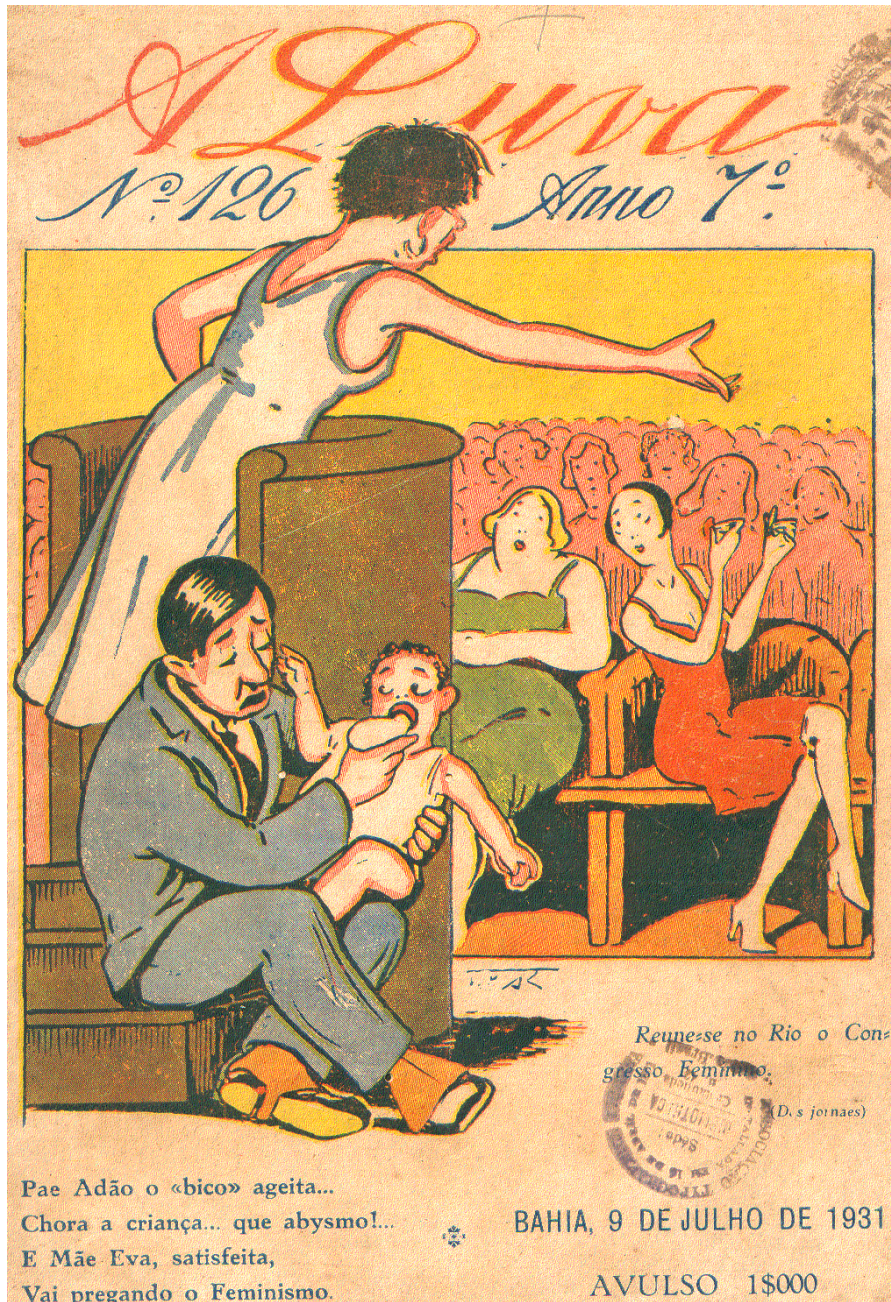
Brandão, fosse o “bem comportado”. Estas, ao estudarem o feminismo na década de 30 na Bahia, observariam sobre as críticas recorrentes nos periódicos baianos da época aos perigos da masculinização da mulher e registram os artigos de Dra. Lily, de Maria Luiza Bittencourt e de Lili Tosta. A ligação das participantes da FBPF com os poderes políticos e econômicos por serem filhas e parentes de políticos e da elite.

Quanto ao plano do comportamento, no número 25 de 1926, em *A Luva*, Aguiar e João do Minho dirigem-se às mulheres e, em tom de conselho, discutem o que acham ser melhor para elas: “Vocências minhas senhoras,/ seriam, segundo eu penso,/ muito mais encantadoras/ se aproveitassem as horas/ em coisas que tenham senso”. Diálogo simulado, ou não, no número seguinte surge a provável reação de uma leitora: “Senhores redatores,/ achava melhor que se metessem com a sua vida e nos deixassem em paz”. Logo adiante, os redatores indicam contrição e, em versos, marcados pela ironia, afirmam que a mulher não fica atenta a conselhos e que só filtra aquilo que lhe preenche a vaidade: “Ficamos arrependidos / logo após que nos metemos / a conselheiros morais / Porquanto nós sabemos / que a mulher só tem ouvidos / pra lisonja... e nada mais [...]”.

Ao mesmo tempo em que se publicam textos críticos sobre o novo comportamento feminino, representado pelos cabelos à *la garçonne* e saias mais curtas, os redatores valeram-se de capas que ressaltavam a inabilidade feminina em dirigir automóveis e o sofrimento do homem com inversões de papéis como, por exemplo, o marido cuidar do filho enquanto a mulher palestra para um público feminista.<sup>7</sup> Eis a capa que indicia/anuncia/denuncia o Congresso Feminino realizado no Rio de Janeiro:

---

<sup>7</sup> *A Luva*, n. 126, 09 de jul. 1931.



Assim, *A Luva* surpreendentemente noticiava o congresso feminista, com a presença de Bertha Lutz, publicava trechos de discursos favoráveis ao divórcio e ao amor livre<sup>8</sup> e discussões sobre o voto feminino. Daí se depreende a instabilidade, a

<sup>8</sup> Cf. *Bahia de Todos os fatos: cenas da vida republicana (1889-1991)*, p. 110, “é realizado em Andaraí, na Bahia, o primeiro casamento sob o regime do “amor livre” no Brasil, celebrado pelo anarquista José Oiticica e, ao invés de registro civil, uma ata de cerimônia.” Neste livro, além da citação da ata, também é escrito o pronunciamento de José Oiticica após a cerimônia: “Façam o que quiserem as polícias de todas as nações, mas o ideal comunista de liberdade não morrerá mais, porque já penetrou na consciência dos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

indefinição da revista também quanto a estes aspectos. Um colaborador assíduo, por exemplo, a propósito das discussões em torno da entrada da mulher na Academia de Letras, revela em discurso irônico, este aspecto pendular: “*De Eva as filhas no recinto, / - Diz o relato sucinto-, / A ACADEMIA não quer. / Inda se fosse nas tretas... / Mas... nas letras, / Mas... nas letras, / Ter medo assim da MULHER?!...*”<sup>9</sup>

A *Luva* revela como a mulher baiana estava penetrando no mundo das letras e a transição da sociedade refletia-se em suas páginas. Portanto, ao mesmo tempo em que trechos considerados cerceadores da participação dessa mulher, no universo da escrita, apareciam na revista, produções literárias sobre (e da mesma) eram também publicadas. Portanto, não foge à regra em relação a estes cerceamentos e que transparece muitas vezes na modalidade de textos propagandísticos. A imprensa destinada ao público feminino geralmente mostra especialistas que dizem como se portar quer seja referente à sua saúde, a melhor maneira de tratar o filho, melhor leite para a criança ou comportamento, como afirmaria Dulcília Buitoni (1981). Como esta mesma informa, “a pretexto de informar, mostra-se que a mulher não sabe”.

Podemos constatar a prática da propaganda como reafirmadora de discursos tradicionais, no número 19 da revista, ao estampar um anúncio da Fábrica de Linho Belga, cujo texto apresenta o comportamento ideal da mulher, com restrições em prol do bem-estar da família:<sup>10</sup>

**Conselhos à mulher casada.** É a mulher quem deve desempenhar o sacerdócio no templo conjugal. / Nunca negar-se <sic> a sair com o seu marido quando este lhe peça. / Mostrar-se discreta e afável com as suas amigadas; mais vale que seja vista com elas em sua casa que nos clubes ou nas corridas de cavalos. / Não falar a outros sobre o seu marido ou contar a sua vida íntima. / Não se acostumar a estar a toda hora em companhia de certas amigas. / Não guardar segredos para o seu marido. / Ocupar-se dos afazeres domésticos na ausência do marido, afim <sic> de que não se sinta importunado por estas exigências quando procurar a doce tranqüilidade e a serena poesia do lar. / Demonstrar bom acolhimento a tudo que interessa a seu marido. / Convencê-lo de que a título de economia e a bem de seus interesses

---

*humildes. Naquela união livre, sem padre, nem representante do Estado, havia mais moralidade que nos casamentos suntuosos, arranjados por interesses, para negócios e para adquirir posições.”*

<sup>9</sup> Gelásio FARIAS (Gelfar). A Academia de Letras continua inacessível ao belo sexo. *A Luva*, n. 109, 20 de abr. 1930.

<sup>10</sup> *A Luva*, n. 19, 15 de dez. 1925.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

deverá preferir sempre o legítimo e garantido LINHO PURO “BELGA”,/ Produtos dos grandes Estabelecimentos Geo F. Devos Courtrai.

Por outro lado, o novo comportamento feminino era avaliado ou alardeado, sob diversos ângulos, na página do periódico. Fosse para cerceá-lo ou para glorificar. Decerto aqui tratamos daquela mulher da classe média e alta, tal como assinalaria Saffioti (1979) ao tratar as representações distintas de classe em que ocupavam na sociedade.

As produções de mulheres em *A Luva* traziam ora a recorrência de temas enraizados sobre o papel demarcado e bem definido da mulher, tais como religião, maternidade, amores idealizados, natureza confabulando com o estado do eu-poético, ora a discussão velada ou não, da condição opressora que esta vivia. Uma colaboradora denominada Vera Marcondes publica, três anos antes da carioca, o poema “Alma Liberta” (*A Luva*, 30/06/1925, n. 08), unindo à forma recorrente do soneto uma leitura incisiva de fuga aos grilhões:

*Que importa o teu amor? Vivo somente  
Para os prazeres e ilusões da vida!  
Não mais nasci para ter eternamente  
Os desenganos da mulher vencida!*

*A mulher quer ser livre. Minh'alma sente  
Esta necessidade incompreendida!  
E quer, plena de gozo, ansiosa e ardente,  
Viver, qual vives tu, de frente erguida!*

*Não me escravizo aos teus caprichos mil...  
Com o meu coração de ti liberto,  
Hei de esmagar-te como um verme vil!*

*E depois, ao te ter acorrentado,  
Irei gozar contente, bem de perto,  
A sublime delícia do pecado.*

Hildette Fávila também apresentaria variedades nos temas e domínio técnico em sua produção poética em *A Luva*. Com a fuga ao pieguismo ainda presente em muitas produções da revista, entremeia uma canção popular à rememoração infantil:



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Reminiscências (Ao grande estilista Carlos Chiacchio)<sup>11</sup> – (A *Luva*, n. 79, 19/08/28)

A noite é um manto escuro salpicado de ouro  
aos ombros da lua...  
Porque essa tristeza, essa vontade de chorar  
Se ouço a criança  
na rua,  
cantar,  
despreocupada:  
“Senhora dona Sancha  
coberta de ouro e prata  
descubra o seu rosto  
que queremos ver a prata...”

E agora,  
porque tenho os olhos molhados  
alagados  
quando ouço esse outro querubim:  
“Senhora dona Sancha  
a senhora se enganou  
pegou na rolinha branca  
mas a rolinha voou...”

Por que essa vontade de chorar?  
Por que meu deus? É que eu também outrora  
a brincar  
feliz, cantava assim...

Ah! Que saudade do meu tempo de menina!

A temática da partida da terra natal e a conseqüente saudade aparecem na revista, sem rejeições. Selenh-Maria Carneiro de Souza, assídua participante do periódico e também membro da Federação Bahiana Pelo Progresso Feminino, produziu textos com atmosferas mais românticas. Em um deles, ela revela a dor causada por abandonar o sertão e o convívio com a permanente saudade deste. Poema sem registro de um termo particular do *locus* sertanejo, com linguagem rebuscada e sem novidade estilística, o que importa para a poeta é a criação de uma imagem romantizada do espaço e a melancolia gerada pelo distanciamento: “Era uma cruz pequena. Recebi-a / Quando me vi forçada a abandonar / O meu sertão, a terra onde vivia / Pelas verdes

<sup>11</sup> Hildete FÁVILA. Reminiscência, *A Luva*, n. 79, 19 de ago. 1928.



Campinas a folgar...[...]"<sup>12</sup> Descreve a dor da partida e a lembrança constante: “Deixei no meu sertão meu doce lar, e nunca me esqueci daquele dia”. A cruz que recebera como um presente, elemento recorrente desde a primeira estrofe, vai ter em suas lembranças, uma outra significação: “E a cruz pequena desde momento / Pelo meu coração foi transformada / Em cruz de dor, em cruz de sofrimento”.

As imagens recorrentes nos textos de Rafaelina Chiacchio, outra colaboradora da revista, são de aproveitamento de canções antigas e fatos do cotidiano. A poeta descreve brincadeiras de infância e recupera cantigas populares, tal como Hildete Fávila, interpenetrando-as com as lembranças ou registros de estado de espírito no momento em que se processa determinada ação. No texto abaixo transcrito, a poeta apropria-se da cantiga popular ‘Dona Clara clareou’ e estabelece uma relação que demonstra amadurecimento poético – para uma pessoa tão jovem<sup>13</sup> - com o noturno de Chopin:

Santa clara clareou  
São Domingos alumiu  
Vai a chuva, vem o sol...  
Vai a chuva, vem o sol...

E hoje sinto como uma música aos meus ouvidos  
Esse cair monótono de pingos de água,  
Pingos de prata em bategas...  
Oh, esse rolar da chuva,  
A despertar-me a sensação de que toda a terra está cheia de um tremendo rumor...

Cai, chuva!  
Cai, chuva!

E ela vai caindo nas folhas noturnas...  
Nas rosas adormecidas...  
Enchendo a solidão de um pianíssimo de Chopin...

Cai, chuva!  
Cai, chuva!

E a chuva vai caindo em harmonia  
Com as pulsações do meu inquieto coração!

Cai, chuva!  
“E tu mentiste aquele que tanto te quer”.<sup>14</sup>

<sup>12</sup> Seleneh-Maria Carneiro SOUZA. A cruz. *A Luva*, n. 82.,05 de out. 1928.

<sup>13</sup> A poeta tinha apenas 14 anos de idade.

<sup>14</sup> Rafaelina CHIACCHIO. Noturno da chuva. *A Luva*, n. 65, 15 de dez. 1927.



O ato poético e a escolha lexical que preenchem o seu campo associativo, relacionando som da chuva, música de Chopin e batidas do coração, todos entremeados à cantiga “Santa Clara clareou”, revelam o domínio linguístico e uso com propriedade das formas da poética. Vale registrar outra produção em que Rafaelina Chiacchio, ao descrever uma brincadeira infantil, associa o percurso do balão no ar à liberdade que queria dar ao seu pensamento. O poema abaixo não se apresenta na íntegra:

**Bolo, balão, bolo**

*Como os outros garotos da rua,  
Fiz soltar  
Meu pensamento  
Como um balão*

*E bailando  
Pairou  
Tão longe de mim,  
Tão longe de mim  
Que não pude ver  
Onde Pairou...*

*Assim também não sei  
Se o meu sonho  
Se a minha vida...*

**Balão, bolo**  
*Bolo, balão<sup>15</sup>*

O registro dessas escritas de mulheres baianas aqui se apresenta não pela simples necessidade de menção de poemas realizados por elas, mas para constatar que em nada deixava a dever frente às produções de autoria masculina. Com temáticas inovadoras, liberdade estética e aproveitamento de elementos do cotidiano, do folclore, de cantigas e de retrato de sua condição, a escritura feminina estava em consonância com os aspectos do então recente modernismo em terras baianas. Apesar da perceptível presença de uma tradição literária feminina, a produção ficou perdida nos desvãos dos arquivos e, apenas com o trabalho pertinaz, pode-se entender os motivos da quase-ausência de referências a esse percurso na História Literária Brasileira. A questão seria:

---

<sup>15</sup> Rafaelina CHIACCHIO. Bolo, balão, bolo. *A Luva*, n. 64. 30 de nov. 1927.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

por que tais textos não vingaram? Quais motivos levaram aquela História a assinalar produções de autoria masculina – isto quando, claro, resolvia-se indicar alguma contribuição do Nordeste e aí se instaura outra questão de fundo no que concerne a centro/periferia; nação/região – em detrimento das diversas colaborações de mulheres nas páginas dos periódicos?

Essa discussão, ressaltemos, não implicaria em defesa a um viés de vitimização, já ultrapassado, embora nele caiba uma questão de foco de interesses de minar as lutas de penetração de espaços na política e em outras instâncias sociais, ou ainda, o uso da inversão de tratamento, exposto no estudo de Guacira Louro, quanto ao objetivo primeiro das feministas em defesa da mulher visível. Não se pode deixar esvanecer a atenção para a singularidade de que os produtos cultural e social também favorecem para uma análise das “formas de silenciamento e opressão das mulheres. A exposição dessas situações parece ter sido indispensável para que se visibilizassem aquelas que, histórica e linguisticamente, haviam sido negadas ou secundarizadas”.

Segundo Louro, “se a denúncia foi imprescindível, ela também permitiu, algumas vezes, que se cristalizasse uma vitimização feminina ou, em outros momentos, que se culpasse a mulher por sua condição social hierarquicamente subordinada” (LOURO, 2010, p. 37). Em concordância com essa assertiva, podemos também afirmar que tais questões não estão mais centralizadas em relação homem *versus* mulher, dominante/ dominado, mas que se delineiam em movimentos outros, problematizando o exercício do homem e sua “superioridade” historicamente construída e, com aquela noção, criam-se locais de resistências. “Estimular a fala daquelas que tradicionalmente se veem condenadas ao silêncio” (LOURO, 2010, p. 113-4) constitui um dos propósitos da pedagogia feminista, em que a experiência compartilhada serve como elemento de rejeição à autoridade.

No número 77, de *A Luva*, publicada na primeira quinzena de Julho de 1928, o poeta Benedito Cardoso dedica um texto a outro colaborador da revista, Francisco Hermano. “Sobre a mulher” é prova cabal de tentativas de silenciamento daquelas vozes femininas no plano da escrita: “inteligência rudimentaríssima, quase nula. Elas jamais criam. Sua sabedoria não passa da epiderme”. Benedito Cardoso apresenta observações que destoam daqueles textos poéticos de autoria feminina, aqui já apresentados: “nunca



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

vão além da intuição da frase. Como poetisas, usam um mimetismo condenável, deixando-se levar mais pela toada voluptuosa do verso, do que, mesmo, pelos processos racionais e teóricos”. Indica que elas servem apenas como declamadoras ou oradoras, ratificando aquele caráter mimético que antes assinalara: “materializam a estrofe e o discurso, humanizando-lhes os contornos, imprimindo-lhe um cunho novo e original”.

Neste sentido, no estudo das representações sobre/da mulher baiana daqueles primeiros decênios do século XX, na recuperação de uma memória subterrânea, no cotejo entre a produção de fato e o discurso que se criou sobre ela como formas de cerceamentos, é que podemos recuperar aquela fala, balbucios, melhor dizendo, mas que propiciaram a repercussão altissonante de agora, com a representatividade política e social na ocupação de espaços outrora sequer imaginados. Antes brechas e sonhos; hoje, salões cheios de realidades, concretizações e ainda muitos sonhos.

## Referências Bibliográficas

BUITONI, Dulcília H.Schroeder. **Mulher de Papel**: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

\_\_\_\_\_. **Imprensa feminina**. São Paulo: Ática, 1986.

CARDOSO, Benedito. *A Luva*, 17 de jul. 1928.

COELHO, Nelly. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras**. São Paulo: Escrituras, 2002.

COSTA, Ana Alice Alcantara; BRANDÃO, Jaciara Sena. “Feminismo na Bahia: a Federação Bahiana Pelo Progresso Feminino no contexto da Revolução de 30”. In: MOTTA, Alda; SALDENBERG, Cecília; GOMES, Márcia (Orgs.) **Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas**. Salvador: NEIM/UFBA, 2000.

GOMES, João Carlos Teixeira. “Presença do Modernismo na Bahia”. In: *Camões Contestador e outros ensaios*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1979.

GUELFY, Maria Lúcia. *Novíssima*: estética e ideologia na década de 20. São Paulo: IEB-USP, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes**: Mito e Realidade. Rio de Janeiro: Vozes, 1979.

HERMANO, Francisco, “Sobre a mulher”, *A Luva*, 15 jul. 1928, n. 77.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O espírito e a letra*. Organização: Antonio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 30.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2010.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. In: NOVAIS, Fernando Antônio. (coord. Geral); SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil. República**:



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

**da Belle Époque à era do rádio.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998, vol. 3, p. 368.

MARINS, Paulo César Garcez. “Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras”. In: NOVAIS, Fernando Antônio. (coord. Geral); SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil. República: da Belle Époque à era do rádio.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998, vol. 3.

MINISTÉRIO DA CULTURA. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do livro. RIO, João do. **A alma encantadora das ruas.** Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000039.pdf>. Acesso em: 01 de jun. 2011.

MORETTI, Fanco. *The slaughterhouse of literature.* In: **Modern Language Quarterly.** Spring, 2000.

RISÉRIO, Antônio. **Avant-garde na Bahia.** São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M Bardi, 1995.

SAID, Edward W. **Humanismo e crítica democrática** . Tradução: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

#### **Periódico Consultado**

A Luva (1925-1932).